

## **A Fobia e o Pensamento Freudiano**

por Murillo Penna Firme  
Psicoterapeuta

Desde o início de sua obra a questão da fobia marcou presença nos artigos de Sigmund Freud. Analisando-se os rascunhos A, B e E da correspondência mantida entre ele e Fliess podemos observar, desde então, o autor preocupado com o tema, buscando na biologia e na neurologia a explicação para os distúrbios de ordem psicológica que caracterizam o referido “distúrbio”.

Em 1894, quando publica seu artigo “As Neuropsicoses de Defesa” (1), Freud desloca suas observações do campo das ciências naturais para o campo da psicologia, explicando as manifestações fóbicas como sendo uma defesa que se estrutura de forma inconsciente, a semelhança do que ocorre na histeria e na neurose obsessiva, permitindo ao indivíduo lidar com conteúdos ideativos incompatíveis que insistem em se fazer presentes na consciência.

Neste artigo, ele se ocupou em construir uma teoria que explicasse a formação das chamadas neuropsicoses de defesa, isto é, a histeria adquirida, a neurose obsessiva e a psicose alucinatória ou fobia, orientando seus esforços na definição de mecanismos representativos de sua organização, e através dos quais fosse possível caracterizar e dar conta de suas manifestações.

Segundo ele, todas estas afecções têm em comum o mesmo fato gerador, ou seja, derivam de uma mesma matriz e podem ser entendidas como formações psíquicas inconscientes, das quais o eu (2) lança mão para rechaçar uma idéia incompatível, investida de um sentimento aflitivo, que não pode ser escoada pela atividade do pensamento ou pela ação motora.

Mais precisamente, quando uma idéia incompatível investida de um afeto intolerável adentra a consciência, colocando o indivíduo frente a uma situação de ameaça, na medida em que percebe não estar em condições de lidar com a mesma através do processo de elaboração mental e considerando que, também, não pode apagá-la da memória, pois esta pertence à ordem dos registros mnêmicos, o eu lança mão de um artifício defensivo para torná-la menos poderosa, retirando da mesma a quantidade de afeto nela investida e com isso tornando-a fraca.

Em função da natureza, da qualidade das experiências do indivíduo e de fatores constitucionais, a quantidade de excitação mental tornada livre pode tomar três destinos:

Na histeria, a carga afetiva é transferida, via processo de conversão, para o corpo e a idéia banida da consciência, alojando-se num espaço psíquico que abriga um tipo especial de representação mental, uma zona obscura da mente, que mais tarde Freud viria chamar de inconsciente reprimido.

Na neurose obsessiva, o afeto intolerável, separado de seu conteúdo ideativo, liga-se a outras idéias consideradas legítimas pelo eu e a representação original pode permanecer livremente na consciência, manifestando-se na forma de um pensamento isolado, porém enfraquecida e não exercendo nenhuma pressão sobre a psique do indivíduo. Porém o afeto indesejável permanece atuando na esfera mental, dando origem às idéias obsessivas.

No caso da psicose, através de um mecanismo mais radical, tanto a idéia incompatível, quanto os afetos nela investidos são banidos da consciência e se ligam a um fragmento da realidade, manifestando-se sob a forma de alucinação. Segundo Freud, o eu rechaça a representação incompatível através da fuga para a psicose.

A partir de suas observações clínicas, Freud concluiu que o afeto que se liga à representação incompatível é de natureza sexual e encontra-se na raiz do conflito que se estabelece entre o eu e a manifestação da referida representação.

No presente artigo, ele destaca a existência de uma carga de afeto ou soma de excitação, que, possuindo as características de uma quantidade passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, espalha-se sobre os traços mnêmicos das representações à semelhança de uma carga elétrica que se distribui pela superfície de um corpo físico. Aqui, bem de acordo com o pensamento científico dominante da época, a física serve de suporte para a psicologia.

Abrindo um parêntesis, é necessário que se faça uma distinção entre o afeto que se liga ao conteúdo ideativo e o quantum de afeto que ativa a rede de representações simbólicas. O primeiro é um estado da consciência que qualifica a idéia incompatível, isto é, dá a medida de sua inconveniência e o segundo é a “energia psíquica” que ativa os registros mnêmicos da representação intolerável, fazendo com que ela se torne consciente.

É importante que se considere esta distinção, pois a consciência não está aparelhada para lidar com quantidade e sim com qualidade, no máximo com intensidade e conceitualmente, afeto, enquanto qualidade e quantum de afeto, enquanto quantidade, são diferentes por natureza.

Resumindo, a histeria, a neurose obsessiva, bem como a fobia, são organizações defensivas que têm a mesma raiz e sua formação pressupõe:

- A existência de uma idéia não compatível na qual é investido um sentimento insuportável, que insiste em se tornar consciente;
- O caráter inconsciente da organização defensiva;
- A existência de uma área obscura na mente para onde são remetidos os conteúdos ideativos afastados da consciência.

No caso da primeira, trata-se de um mecanismo que separa o afeto intolerável do conteúdo ideativo, eliminando a tensão que o mesmo exerce sobre a mente do indivíduo pelo surgimento de sintomas corporais, isto é, a “energia psíquica” que investe a idéia incompatível é descarregada no corpo, produzindo sintomas físicos (conversão).

No segundo caso, o afeto indesejável é separado do conteúdo ideativo não compatível pelo processo de deslocamento, permanecendo ainda na esfera psíquica. A representação assim desinvestida pode permanecer na consciência separada de qualquer associação e o afeto, tornado livre, liga-se a outras representações consideradas não incompatíveis em si mesmas e, a partir dessa falsa ligação, transforma-se em idéias obsessivas.

Na fobia, tanto o conteúdo ideativo, quanto o afeto insuportável são afastados da consciência e o eu se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Porém, no momento em que isto é conseguido, o indivíduo entra num estado de confusão alucinatória, isto é, o eu rechaça a idéia incompatível através da fuga para a psicose. Porém, tendo o eu rompido com a referida representação, esta fica de alguma forma ligada um fragmento da realidade, à medida que ele, também, perde o contato parcial ou total com a mesma.

Em certa medida, pela construção teórica descrita acima, a fobia seria uma derivada da neurose obsessiva. Nesta, como já vimos, o afeto se desloca do conteúdo ideativo incompatível para uma idéia inócua e naquela, o sentimento aflitivo é, pelo mecanismo da projeção, transferido para a representação mnêmica de um objeto externo percebido como ameaçador. Na neurose obsessiva o afeto se desloca dentro da cadeia de significantes e na fobia a projeção tem como pano de fundo a transferência do afeto para a representação mnêmica do objeto externo. Mais tarde, Freud viria a reformular estas idéias.

Ainda em seu artigo, Freud chama-nos a atenção para a existência de um grupo de fobias típicas, cuja síndrome não pode ser enquadrada nos mecanismos psíquicos acima descritos, como é o caso das agorafobias, ou seja, os dispositivos destas diferem dos mecanismos das obsessões e das fobias redutíveis a elas, na medida em que não apresentam nenhum conteúdo ideativo do qual o afeto deve ser separado. Neste caso, o medo que se manifesta neste tipo de fobia tem outra origem.

Quanto à sua natureza, Freud afirma que a fonte do afeto intolerável é da ordem do sexual, ou seja, são as experiências eróticas vivenciadas pelo indivíduo, que nele despertam um sentimento de aflição, concluindo que a vida sexual traz inúmeras oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis.

Mais tarde, em seu artigo “Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa”, escrita em 1986, ele voltará a afirmar que, na raiz das

formações defensivas, encontra-se uma experiência sexual traumática sofrida pelo indivíduo na tenra infância.

Em 1895, é publicado o artigo “Obsessões e Fobias: Seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia” (3), nele Freud modifica sua explicação sobre a natureza da defesa fóbica, abandonando seu entendimento de que a mesma deva ser vista como derivada da neurose obsessiva.

Em decorrência de seus trabalhos clínicos, ele pôde observar que o afeto que se encontra subjacente às manifestações fóbicas é a angústia. Embora, esta também esteja presente nas obsessões, os sentimentos que predominam ou que comparecem à boca de cena neste tipo de defesa são a raiva, o medo, o remorso, a dúvida, etc., os quais podem ocorrer nas manifestações obsessivas tanto quanto à ansiedade (4), propondo que distingamos as obsessões verdadeiras das fobias, isto é, que se separe conceitualmente uma da outra, considerando que elas são de diferente natureza.

Apesar de Freud ter prosseguido em seu artigo, examinando a questão obsessiva, procurando caracterizá-la através da apresentação de vários casos clínicos com o objetivo de deixar marcada as diferenças operacionais entre obsessão e a fobia, dado que o nosso interesse está orientado para o estudo da defesa fóbica, não nos preocuparemos com as referidas demonstrações e entraremos diretamente na parte do texto que diz respeito à fobia propriamente dita. É nele que, neste momento, passaremos a concentrar nossa atenção.

Segundo ele, as fobias podem ser classificadas em dois grupos, conforme a natureza do objeto temido. No primeiro, encontram-se as fobias comuns, ou seja, aquelas cujos sinais são o medo excessivo de coisas que todos, numa certa medida, temem, como por exemplo, alguns tipos de animais, a escuridão, a morte, as doenças, etc.

No segundo, encontram-se aquelas cujo medo está ligado, não a um objeto específico, mas sim a um certo ambiente, como é o caso das agorafobias, o medo dos espaços vazios. São fobias contingentes, de natureza contextual, ou seja, manifestam-se dentro de um contexto.

Ao contrário do que asseverou em “As Neuropsicoses de Defesa”, no presente artigo, Freud afirma que na raiz da fobia não se encontra nada mais além do que o estado de angústia, que, por uma espécie de processo seletivo, resgata todas as representações mentais adequadas para se tornarem alvo de uma fobia, não se encontrando, neste caso, através da análise psicológica, nenhum conteúdo ideativo incompatível substituído, daí a afirmação de que, no caso, a angústia não faz parte do psiquismo, mas, inscreve-se no corpo, embora seja lícito que se pergunte se existe alguma emoção ou sentimento que não use o corpo como território para sua manifestação.

Prosseguindo em seu texto, Freud conclui que o estado de ansiedade é a marca registrada de todas as fobias, havendo, segundo ele, razões para que se destaque um tipo especial de neurose, a neurose de angústia, na qual a ansiedade é o principal sintoma, aparecendo a fobia como uma particular manifestação deste tipo de neurose.

A fobia seria, segundo ele, a expressão psíquica da neurose de angústia, mais precisamente, o enquadramento do estado de ansiedade pelo sentimento de medo. Um mimetismo emocional criado pelo sujeito para lidar com a ameaça provocada por um objeto perigoso, cuja identidade o indivíduo desconhece.

E o que se encontra subjacente às manifestações que caracterizam a neurose de angústia, isto é, o que produz no indivíduo o estado de ansiedade? Tanto quanto ele pode perceber, o que sustenta este tipo de disfunção emocional é a existência de um afeto de natureza sexual. Sua causa específica é uma acumulação da tensão libidinal produzida por qualquer excitação erótica não realizada, tensão esta represada por impedimentos de diversas ordens, tais como, abstinência forçada, coito interrompido, masturbação, etc. A insatisfação sexual de hoje é a angústia de amanhã.

Em seu artigo “Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia” (5), publicado também em 1985, ele retoma a discussão do tema envolvendo a neurose de angústia, procurando separar os sintomas da neurastenia das manifestações do distúrbio emocional que ele convencionou chamar, em seu artigo “Obsessões e Fobias: Seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia”, de neurose de angústia, uma afecção que tem como força motriz o sentimento de angústia.

No exame do artigo acima mencionado, vai nos interessar menos os critérios pelos quais Freud procura separar uma afecção da outra e mais o que ele nos diz sobre a natureza e a origem do afeto, a angústia, a qual caracteriza e dá nome a este tipo de neurose.

Após relacionar exaustivamente todos os sintomas que, segundo ele, se enquadram na referida categoria clínica, tais como, irritabilidade em geral, expectativa angustiada, ataques de angústia acompanhados de distúrbios respiratórios, acessos de tremores, acesso de vertigem locomotora, pânico noturno, parestesias, Freud passa examinar exaustivamente a incidência e a etiologia da neurose de angústia, chegando mesmo ao requinte de qualificar os mencionados sintomas segundo seu gênero, categorizando-os segundo ocorrem em homens ou mulheres.

Como condições etiológicas, ele relaciona, entre elas, as seguintes: a angústia virginal ou nas adolescentes, ansiedade das recém-casadas, a angústia nas mulheres cujos maridos sofrem de ejaculação precoce ou praticam o coito reservatus, a ansiedade em viúvas e mulheres voluntariamente abstinente, a angústia no climatério, a angústia em homens voluntariamente abstinente, a

ansiedade em homens em estado de excitação não consumada, a angústia em homens senescentes, etc.

Nossa intenção em reproduzir de forma exaustiva a lista de condições sob as quais, segundo Freud, surge a neurose de angústia, tem como finalidade mostrar onde ele pretendia chegar quando examina a ambiência dentro da qual neurose de angústia se organiza. Duas coisas podem ser percebidas aqui e ele deixa isto bem claro em seu artigo. Primeiro, a natureza sexual das condições etiológicas. Segundo, a existência, em todas elas, de uma perturbação que impede ou dificulta a ação motora ou a elaboração psíquica necessários para o escoamento adequado da excitação sexual.

Freud afirma no terceiro capítulo de seu artigo, “Primeiros Passos em Direção a uma Teoria da Neurose de Angústia” (6), que em suas observações clínicas pode constatar que a manifestação do sentimento de angústia, no caso do coito interrompido, não decorre do medo gerado pela expectativa de que a técnica possa não ser segura e sim, era um estado emocional que atingia aquele parceiro que renunciava à satisfação.

Outra afirmação utilizada por Freud para apoiar as constatações acima é que, em inúmeros casos, verifica-se um decréscimo extremamente acentuado do desejo sexual de tal forma que, quando se diz ao paciente que suas reclamações são decorrentes da insatisfação sexual, ele reage dizendo que não se trata disso, pois, nesse momento, suas necessidades sexuais se extinguiram.

Das observações acima, Freud termina por concluir que nos encontramos diante de um acúmulo de excitação e que a angústia, manifesta neste caso, é de natureza somática, de origem sexual, sendo acompanhada por um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais, mais precisamente, *“o mecanismo da neurose de angústia deve ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no conseqüente emprego anormal dessa excitação”*. Quem viver, verá.

Dando seqüência ao seu pensamento, Freud coloca a seguinte pergunta: *“Por que motivo, nessas condições de insuficiência psíquica para manejar a excitação sexual, o sistema nervoso se descobre no peculiar estado afetivo de angústia?”* E responde em seguida: *A psique é invadida pelo afeto de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (perigo) vinda de fora; e fica presa de uma neurose de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) vinda de dentro - em outras palavras, ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora”*.

Como se pode observar, além de indicar a natureza sexual da excitação somática, Freud chama a atenção do leitor para a característica persecutória dos estímulos endógenos e exógenos, o que viria justificar, do ponto de visto psicológico, o mecanismo da fobia, ou seja, a transformação da angústia

decorrente de uma ameaça não identificada vindo de dentro pelo medo de um objeto externo ameaçador.

Como se pode perceber, na neurose de angústia, o objeto persecutório está internado, enquanto na fobia ele é colocado fora da esfera egóica. Desta forma, ao concretizar a ameaça de aniquilamento num objeto externo ameaçador, o eu enquadra o perigo, através de um mecanismo psíquico que lhe permite exercer fantasmaticamente um controle das manifestações afetivas que o ameaçam. Dos males o menor.

Em 1926, Freud publica seu artigo “Inibições, Sintomas e Ansiedade”, onde se pode observar um reordenamento de suas idéias sobre as formações defensivas, ou sejam, a histeria, a neurose obsessiva e a fobia.

Neste artigo, vemos o autor usando, no limite da exaustão, toda a musculatura de seu intelecto na tentativa de dar robustez à sua construção teórica sobre as defesas, esmerando-se no aperfeiçoamento dos modelos operacionais que explicassem seu funcionamento e dedicando uma especial atenção à formação dos processos obsessivos.

Nesta época, ele já havia publicado “O Ego e o Id”, sua terceira versão do aparato anímico (7), o qual faz parte integrante do arcabouço teórico psicanalítico da segunda tópica. Embora do ponto de vista morfológico, Freud tenha adotado uma visão anatômica do aparelho mental, sob o ponto de vista funcional, ele pode também ser entendido dentro de uma concepção modular.

Nesta hipótese, a psique humana se apresentaria sob a forma de um sistema modular integrado por um conjunto de unidades autônomas, investidas de funções complexas e interligadas dinamicamente. Uma versão high-tech, enquanto virtual, daquilo que a Frenologia do século XVIII pensava a respeito do funcionamento cerebral.

Neste sentido, as instâncias psíquicas, o Ego, o Id e o Super Ego comparecem ao cenário psicológico dotadas de estatuto próprio. Nenhuma atividade atribuída a uma delas pode ser, na parte ou no todo, realizada por qualquer uma das outras. No limite de suas atividades, constitucionalmente falando, uma age sobre a outra e todas elas interagem.

Ao Ego, em particular, Freud atribuiu uma importante tarefa, ou seja, ele é, por excelência, o organizador, o sintetizador e o gerenciador dos conflitos, bem como o responsável pelo controle da ação motora. Além disso, a ele se liga o sistema senso perceptivo, conexão que permite ao mesmo perceber, através do atributo da consciência, os impulsos que partem do interior do soma, além de estar sendo constantemente informado a respeito da ação dos estímulos externos que agem sobre o organismo.

A concepção modular adotada por Freud para representar o aparato anímico, a assunção do papel do Ego como mediador das tensões intrapsíquicas, bem como a idéia da ligação do mesmo com o dispositivo somato sensorial, vai propiciar a Freud o suporte metapsicológico necessário para que ele, em seu artigo “Inibições, Sintomas e Ansiedade”, venha dar um novo sentido à presença da angústia na vida do sujeito.

Como já tivemos a oportunidade de observar, o artigo acima referido, que prima por sua densidade, robustez e complexidade, não é um texto de fácil leitura, pois, além da excessiva preocupação em explorar a topografia das defesas, Freud vai navegando livremente na exposição de suas idéias, sem muito se preocupar com a sistematização de seus pensamentos, porém sempre atento às questões conceituais, buscando dar um caráter científico à construção de sua teoria, e não deixando de manter uma certa lógica de raciocínio na tessitura de seu texto.

Em que pese a disposição de Freud em definir, de forma exaustiva, todos os mecanismos de funcionamento das formações defensivas, a menos da fobia, não nos deteremos no exame do modus operandi das diversas formas de neuroses, considerando que nosso foco é o exame do distúrbio fóbico dentro do pensamento freudiano. Entretanto, algumas questões merecem ser destacadas na leitura do presente texto.

A primeira é a atuação do Ego no trato com as experiências incompatíveis, obrigado que é a lançar mão de técnicas, artifícios e procedimentos com vistas a dar conta das demandas que o colocam diante de situações de conflito, oscilando entre o princípio do prazer e o sentido da realidade. Construir defesas e recalcar os impulsos indesejáveis é, segundo Freud, da responsabilidade do Ego.

Embora, o Ego exerça suas atividades pressionado, de um lado, pelas demandas de uma instância amoral e desejante, o Id e do outro, sob o olhar severo de uma entidade reacionária, portadora de um código de conduta extremamente rígido, o Super Ego, à instância egóica cabe a tarefa de avaliar qual o momento mais favorável e a atitude mais econômica a tomar no sentido de dar destino às tensões pulsionais.

Cabe observar que nada é feito se ele não se dispuser a disparar a ação motora, dado que sob seu controle encontra-se a chave que dispara o gatilho do dispositivo responsável pela motilidade, bem como pelo movimento. Agir ou não agir, segundo Freud, é da alçada da instância egóica e é aí que, além da capacidade de mediação e conciliação, reside a força do Ego.

Porém, em condições de normalidade, as instâncias intrapsíquicas devem atuar solidariamente no atendimento das necessidades e desejos do indivíduo, procurando dar um bom e adequado destino às suas demandas pulsionais. Mas, in extremis, o Ego exerce suas atividades no centro de uma disputa entre o Super Ego e o Id, escaramuça esta que se passa em seu território. Neste sentido, Deus e Diabo medem suas forças na terra do Ego.

Outra questão que deve ser levada em consideração no artigo de Freud é a natureza do afeto que se encontra subjacente às formações defensivas. Este, segundo ele é da ordem do sexual. Trata-se de um desejo libinal incestuoso que tem como companheiro de viagem o medo da castração. No bonde do desejo, o medo vem de carona.

No que tange à angústia, no referido artigo, ela sofre um processo de atualização. Para Freud este afeto não deve mais ser considerado como uma excitação sexual que se transformou em ansiedade, mas um sentimento cuja sede é o Ego e do qual a instância egóica lança mão para exorcizar um perigo iminente. Pela nova versão, não é o recalque que produz a ansiedade, mas é esta que comparece ao cenário psicológico para acionar os mecanismos de defesa.

Portanto, o sentimento de angústia é um sinal utilizado pelo Ego para se defender de uma experiência indesejável que se encontra em curso e que, provavelmente, reedita um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente, ou seja: *“Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos com símbolos mnêmicos”* (8).

Vejamos agora como, a partir do reordenamento de suas idéias, Freud passou a considerar a questão fóbica, enquanto formação defensiva. Segundo ele, tudo se passa dentro do contexto edipiano (9), a partir do momento em que a fase fálica se inaugura.

Nesta etapa, ao fazer contato com sua sexualidade, o indivíduo dirige seu investimento libidinal para o primeiro objeto de seu amor, sua mãe e se vê diante da figura paterna, a qual comparece à cena edipiana para barrar suas pretensões de ter a figura materna somente para si.

À frustração sentida pela criança resultante da ação interventora do pai, segue um sentimento de ódio, que se faz acompanhar do desejo de eliminação de seu oponente, parceiro preferencial que é da figura da mãe.

A intenção de liquidar o pai, além do sentimento de culpabilidade, à vista do desejo condenável, traz consigo a idéia e o conseqüente medo da punição, mais precisamente, o medo da castração (10), simbolizado no órgão considerado o responsável pela orientação da libido, na busca da satisfação, em direção ao objeto proibido.

Na expectativa da realização de uma experiência indesejável, que se encontra em curso e diante do medo da castração, o indivíduo lança mão da angústia para acionar o mecanismo do recalque (defesas), afastando da consciência o conteúdo ideativo da experiência indesejável. Metapsicologicamente falando, sob o olhar severo do Super Ego, rebatimento no espaço psíquico da representação menêmica da instituição paterna, estritu sensu, o Eu, convocando o

estado de ansiedade, dispara o mecanismo do recalque, impedindo a realização das intenções incestuosas do Id, e o impulso sexual proibido coloca-se em compasso de espera, aguardando uma nova oportunidade para se manifestar. O perigo se torna latente, porém, suas atividades não se extinguem. A vida continua e o vulcão pulsional permanece de prontidão.

Convocadas as defesas pela instância egóica, a organização fóbica se institui, segundo Freud, através do mecanismo da projeção, no momento em que o indivíduo, diante do perigo iminente, do qual não pode se afastar pela ação motora, escolhe um objeto externo, passando a temê-lo e dessa forma, enquadra o sentimento de angústia. O perigo de dentro é lançado para fora do domínio do Ego, sendo colocado num objeto externo visto como ameaçador.

Ao eleger uma fase da vida para fundamentar suas idéias sobre a constituição das defesas, Freud confirma sua opção preferencial por uma teoria das organizações defensivas assentada na assunção da existência de um certo tipo de vivência que marca, segundo ele, a infância do indivíduo, atribuindo um caráter universal e absoluto à influência da mesma na constituição da psique humana.

Para o autor, a vida psicológica e a fundação das formações defensivas têm início na fase Edipiana, sob a primazia do falô, ocasião em que o Super Ego recebe sua herança. Em seu artigo "O Ego e o Id", ele já anunciava: *"o Super Ego é o herdeiro do complexo de Édipo"*.

Diante do que foi acima exposto, sentimo-nos autorizados a entender que é na fase edipiana que se dá a simbolização da experiência de separação e onde a questão sexual adquire um significado emblemático, ficando todas as vivências anteriores à referida época relegadas ao campo da mitologia, ou, no máximo, existindo na condição de protótipos.

Entre a intangibilidade de um sentimento vago, que não se liga a nenhuma representação mental, que enlaça, sufoca, paralisa e aprisiona, trazendo-nos avisos de um perigo iminente, a angústia e a concretude de uma emoção ligada ao registro mnêmico de uma experiência bem determinada, o medo da castração, Freud escapa para a segunda alternativa. Uma escolha que, se contextualizado o autor, poderia ser justificada por questões tanto de ordem pessoal, quanto de natureza cultural. Neste caso a ontogênese caminhou de mãos dadas com a filogênese.

No que diz respeito à primeira observação, não vamos aqui, em sua memória e em respeito ao legado que ele nos deixou, entrar em considerações sobre as razões existenciais que o levaram a enveredar por esse caminho, embora a busca da verdade nos autorize fazê-lo.

No que se refere à questão cultural, basta que se tenha em mente o fato de Freud ter nascido e passado a maior parte de sua vida num ambiente

impregnado de uma moralidade excessivamente repressora, a moral vitoriana e que sua formação intelectual se fez sob as exigências da racionalidade que marcou o pensamento científico de sua época, dominada que foi pelos princípios filosóficos de Descartes. “*Cogito ergo sum*” era a palavra de ordem.

Não fora, talvez, a preocupação que dominou Freud no sentido de dar cientificidade às suas teorias, especialmente quando se trata de suas especulações no campo da sexualidade, provavelmente ele não tivesse necessariamente adotado, como o fez, uma visão mecanicista na construção da organização psíquica.

Indícios de que ele poderia ter tomado outra direção não faltam em sua obra. Um exemplo que podemos invocar é a constatação de Freud de que o pano de fundo de todas as defesas é a ansiedade, um sentimento vago que se “inscreve no corpo”, ao mesmo tempo em que não se encontra associado a nenhum conteúdo ideativo ou quando ele se refere à angústia do nascimento, afirmando tratar-se de um sentimento arcaico (mítico), que se manifesta na vida do sujeito já na fase pré-verbal, antes do mesmo tomar posse do dispositivo da cognição e que nos permite concluir que a subjetivação, provavelmente, tem início no nascimento ou mesmo, sabe lá Deus, no estágio da gestação, conforme nos diz Sándor Ferenczi em seu artigo “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade” (11).

Paralelamente, ao contemplar da janela da filosofia o relevo da psicologia científica, somos seriamente tentados a imaginar que os pensamentos freudianos talvez pudessem ter seguido outro curso se ele tivesse olhado menos para Descartes e mais para Spinoza. É lícito supor que Freud, ouvindo o que este último nos disse sobre a mente humana (12), não hesitasse em caminhar na direção da pré-história do sujeito e, se tal fato tivesse ocorrido, a psicanálise, certamente, teria ganho um outro sabor. Se non è vero, è bene trovato (13).

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2005.

***Murillo Penna Firme***

#### **Notas:**

1 - Página 51 do Volume III da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

2 -O Eu foi tomado, neste caso, como a representação psíquica do indivíduo. A percepção que o sujeito tem de ser um ente separado dos demais que não ele. Nesta ocasião, Freud não havia ainda formulado sua teoria sobre o aparato mental, embora já estivesse empenhado numa tentativa de formular uma visão neurológica da mente humana, que culminou com seu abortado artigo “Projeto para uma Psicologia Científica”;

3 - Página 75 do Volume III da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

4 - Para evitar o uso repetitivo da palavra angústia, usaremos o termo ansiedade como sinônimo da primeira. (Vide Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa);

5 - Página 89 do Volume III da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

6 - Página 105 do Volume III da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

7 - A primeira versão foi a concepção neural, apresentada no “Projeto para uma Psicologia Científica”. A segunda, é a versão topográfica sobre a qual Freud faz referência na carta 52 dirigida a Fliess e que é apresentada numa versão mais completa no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos;

8 - Primeiro parágrafo da página 114 do Volume XX da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

9 - O Complexo de Édipo é um quadro que se caracteriza pela natureza das relações que se estabelecem dentro do núcleo familiar entre pai, mãe e filho, a partir do instante em que este último entra na fase fálica, ou mais precisamente, quando o sujeito simboliza sua sexualidade na figura do pênis. Neste sentido, o falo comparece à cena edipiana como o significante da sexualidade;

10 - Medo da castração ou angústia ante a ameaça de um abandono? A pensar.

11 - Primeiro parágrafo da página 42 das Obras Completas - Psicanálise II de Sándor Ferenczi;

12 - *“A mente humana é capaz de perceber um grande número de coisas, e fá-lo na proporção em que seu corpo é capaz de receber um grande número de impressões”* - Proposição 15 da Parte II da *Ética*;

13 - Ditado italiano: “Se não é verdade, foi bem pensado”.

### **Referências Bibliográficas**

1 - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud;

2 - Obras Completas - Psicanálise II de Sándor Ferenczi;

3 - Em Busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos de António Damásio;

4 - O Cérebro Executivo - Lobos Frontais e a Mente Civilizada de Elkhonon Goldeberg.